

Estetização do mundo da vida: ameaça ou redenção do processo formativo?^[1]

Amarildo Luiz Trevisan Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação
– PPGE/CE/UFSM.

Resumo: O artigo busca extrair alguns elementos ligados ao conceito marxista de reificação para viabilizar uma leitura dos processos de estetização do mundo da vida. É nesse sentido que a crítica de Lukács aos jornalistas chama a atenção, porque exemplifica o ponto de alcance atingido pela reificação na sociedade contemporânea: ela se apropria até das faculdades psíquicas e sensoriais do indivíduo. Com isso, o sujeito reificado passa a apreender o conhecimento de maneira neutra e objetivada (Honneth), com prejuízo da diferenciação (Adorno), ou tomando a imagem pelo objeto (Jameson). Cabe avaliar se a realização de uma leitura desses processos do ponto de vista dessa categoria é incompatível com a interpretação hermenêutica, ou, pelo contrário, elas podem se complementar.

Palavras-chave: estetização, reificação, hermenêutica.

Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação. (Hannah Arendt)

Considerações iniciais

O texto em epígrafe, de Hannah Arendt, chama atenção para a necessidade da adoção de um compromisso coletivo com o mundo, caso realmente quisermos educar. Pretendo pensar tal idéia neste artigo a partir da discussão sobre os processos de estetização do mundo da vida. Essa nova realidade está sendo levada em consideração atualmente pelos filósofos e educadores na produção de suas teorias, após as viradas da filosofia da linguagem, da semiótica e da hermenêutica, que contribuíram para validar a idéia de que os conhecimentos devem confluir para o mundo da vida, e não o contrário. No entanto, ao voltar-se para o existente, o conhecimento sistematizado se depara com a realidade de um mundo da vida saturado de sons e imagens, isto é, um ambiente ocupado ou dominado por uma saturação de informações de todos os tipos, formas e cores. Diante disso, surgem algumas questões: 1) como fazer a transição do conhecimento elaborado para o cotidiano, se tal ambiente já se encontra completamente impregnado de meias informações e verdades sobre todos os tipos de assuntos? 2) É possível que essa demanda não fique restrita aos simples mecanismos de alfabetização visual? 3) Enfim, os processos de estetização representam uma ameaça ou possibilidade de redenção do elemento formativo da cultura?

O objetivo é discutir esses questionamentos a partir do ângulo de análise da categoria de reificação, notadamente para auxiliar nos procedimentos de leitura e decodificação dessa cultura. O tratamento do assunto vai ocorrer, de forma geral, contra o pano de fundo da dialética da formação cultural (*Bildung*) hegeliana. Porém, assim como procede Gadamer (1996) com relação à hermenêutica do conceito de formação, ao romper com o absoluto hegeliano, paulatinamente também a idéia da reificação vai se afastando dos seus vínculos de base, para se tornar um auxílio efetivo no entendimento dos processos de reprodução da cultura. A intenção do trabalho é focar o tema na perspectiva hermenêutica, promovendo inicialmente uma breve exposição sobre o contexto da cultura atual para nele situar o diagnóstico da reificação. A seguir, retomar sucintamente a sua origem no marxismo, em contraposição ao movimento da formação cultural (*Bildung*) hegeliana. E, por último, extrair algumas pistas deixadas

no tratamento do assunto para repensar a interpretação do cultural. Cabe então averiguar, através da racionalidade discursiva, se existe possibilidade de redenção da idéia de formatividade no contexto de estetização vivido.

A reificação na etapa de apropriação do cultural

Por influência da avançada tecnologia da informação e das telecomunicações, o conceito de estetização do cotidiano vivido surge no contemporâneo, abrindo um pano de fundo cultural distinto daquele experimentado pelos pioneiros da discussão sobre o mundo da vida: Husserl, Schütz e Wittgenstein. O elemento imaginativo e desiderativo, antes circunscrito ao campo das ações pré-reflexivas, foi extrapolado por apelos consumistas da propaganda e da publicidade, do jornalismo e mesmo da dramaturgia de nossa época. Assim sendo, o diagnóstico gerado desse estado de coisas – com o apagamento das fronteiras entre arte e vida e a transformação da realidade em imagens – aponta para o fato de que vivemos hoje um processo, para alguns de caráter irrevogável, de estetização do mundo da vida ou do cotidiano (WELSCH, 1993 e 1995 e FEATHERSTONE, 2003).

A mudança da cultura escrita para a imagem configura uma nova atmosfera cultural, em que é proposta a tarefa da alfabetização visual para que se tenha um distanciamento crítico, de modo a não aceitar de forma passiva a situação dominante. Essa nova forma de conhecimento não está presa na alta cultura, mas mesclada nos valores do cotidiano, os quais são intensificados pelos meios de comunicação e difundidos nos produtos mercadológicos. Os signos são libertos por inteiro de sua função de referir-se ao mundo, o que produz a expansão do poder do capital no domínio, não apenas do signo, mas da representação e da cultura. De acordo com Evangelista, essa situação surge num contexto mais amplo de esvaziamento da sociedade moderna:

A capacidade de representação da razão humana estaria se esvaziando. Estaríamos diante do predomínio de um princípio esvaziador que atuaria em todas as esferas do mundo e da sociedade moderna, envolvendo suas instituições e suas formas simbólicas e imaginárias. Assim, por exemplo, estariam se processando a desreferencialização do real, a desmaterialização da economia, a desestetização da arte, a desconstrução da filosofia, a despolitização

da sociedade e a dessubstancialização do sujeito. Ou seja, tudo o que existe estaria marcado pela efemeridade, pela fragmentação, pelo descentramento, pela indeterminação, pela descontinuidade, pelo ecletismo das diferenças e pelo caos paradoxal. (2001, p. 2)

De acordo com Welsh, o esvaziamento do elemento racional vai ocorrer em função da necessidade de criação de espaços para o surgimento de uma sociedade das emoções. Neste sentido, acredita que, em nome das emoções, as sociedades industriais avançadas tentam criar um “cenário hiperestético”, que altera a percepção sensorial do indivíduo frente à realidade. E, se essa tentativa fosse bem sucedida, no limite: “O mundo então se transformaria num espaço de emoções, e a sociedade numa sociedade de emoções” (WELSH, 1995, p. 08).

O sentido do termo estetização que pretendo desenvolver nesta reflexão é definido por Featherstone na obra *Cultura de consumo e pós-modernismo*, em que o autor distingue três formas específicas de entendimento destes processos: o projeto das subculturas artísticas, produtor dos movimentos dadaísta, surrealista e da vanguarda histórica; o projeto de transformação da vida numa obra de arte, que fascinou muitos aspirantes e os próprios artistas e intelectuais como Oscar Wilde, Richard Rorty e Foucault; e, por último, a preocupação com o fluxo veloz de signos e imagens que produzem a saturação do cotidiano, seguindo a análise da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx, desenvolvida por Lukács, a Escola de Frankfurt e Jameson, entre outros.

Para levar adiante esta última definição, é preciso antes, porém, dizer que o fetichismo prepara de certo modo, na obra de Marx, o surgimento da categoria de reificação. Em princípio, ambos os conceitos estão muito próximos, pois o fetichismo seria o ocultamento das relações humanas numa relação entre coisas, enquanto que, de acordo com Bottomore, reificação significa “a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um ‘caso especial’ de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista” (1988, p. 314).

Já no seu livro *Reificación: un estudio en la teoría del reconocimiento* (2007), Axel Honneth busca uma reatualização desse conceito. Ele retoma Lukács para dizer que essa categoria fora transformada pelo capitalismo

numa “segunda natureza” (p. 27). Além disso, que ela se caracterizaria por ser uma “conduta simplesmente observadora”, uma “maneira indolente e desapaixonada” com “qualidade de coisa” (p. 30), enfim uma atitude neutra frente à vida em geral, o ser humano, o entorno e seus problemas. Para trazer a lume alguns elementos analíticos com o intuito de auxiliar na sua compreensão, é preciso agora traçar um pequeno esboço histórico de sua origem.

Embora Hegel já falava em seus escritos de uma “razão observadora” (BOTTOMORE, 1988, p. 314), o aparecimento desse conceito se deu mais precisamente a partir da inversão dialética da fenomenologia do espírito hegeliana por Karl Marx. Como é sabido, em traços largos no giro da formação cultural, a dialética colocara o indivíduo, ou o em si, em contraposição com o mundo, ou o para outro, num processo de alienação e estranhamento que resultava, ao fim e ao cabo, no retorno ao para si. Essa ascese conduzia à progressão gradativa do espírito em direção a um reino de mais liberdade. Porém, Marx subverte essa relação, dizendo que a dialética em Hegel estava de ponta-cabeça e que seria necessário, para dar conta da análise do real, colocá-la novamente em pé. Assim, enquanto na fenomenologia do espírito o sujeito se lança no real e, contropondo-se à objetividade, acaba recuperando a si mesmo nesse processo, na reificação ou coisificação quem tem o controle são as condições sociais objetivas que se impõem à subjetividade. A dialética da formação cultural ocorre no nível progressivo, “espiritual”, de engrandecimento do espírito ou da consciência, enquanto a reificação vai ocorrer no sentido contrário, isto é, na materialidade do trabalho alienado que transforma regressivamente o sujeito em objeto, em coisa. Talvez seja por esse motivo que, no *Manifesto comunista*, Marx & Engels vão demonstrar toda sua desconfiança com a formação cultural, ao dizer: “A cultura (*Bildung*) cuja perda o burguês tanto lastima é para a imensa maioria apenas um adestramento para agir como máquina” (1993, p.83). Em síntese, embora nascida no seio da formação cultural alemã, a teoria da reificação se opõe dialeticamente a ela na famosa inversão produzida por Karl Marx no pensamento de Hegel. É justamente essa inversão entre os elementos “vivo” e “morto” que se tornará o elemento-chave para entender o fenômeno da coisificação.

Contudo, mesmo surgindo em contradição à manifestação cultural do espírito, é precisamente nesse terreno que, aos poucos, a categoria da reificação vai-se fazendo valer como metodologia produtiva de análise. Em *História e Consciência de Classe*, Lukács estende essa lógica para a

compreensão de algumas manifestações desse gênero, como a profissão do jornalista:

E o virtuose especialista, o vendedor de suas faculdades espirituais objetivas e coisificadas, não somente se torna um espectador do devir social (não é possível indicar aqui, mesmo que alusivamente, o quanto a administração e a jurisprudência modernas revestem, em oposição ao artesanato os caracteres já evocados da fábrica), mas também assume uma atitude contemplativa em relação ao funcionamento de suas próprias faculdades objetivadas e coisificadas. Essa estrutura mostra-se em seus traços mais grotescos no jornalismo, em que justamente a própria subjetividade, o saber, o temperamento e a faculdade de expressão tornam-se um mecanismo abstrato, independente tanto da personalidade do “proprietário” como da essência material e concreta dos objetos em questão, e que é colocado em movimento segundo leis próprias. A ‘ausência de convicção’ dos jornalistas, a prostituição de suas experiências e convicções só podem ser compreendidas como ponto culminante da reificação capitalista (2003, p. 222).

O jogo de linguagem das categorias mortas não é casual nesta citação: espectador, contemplativo, mecanismo abstrato, independente, ausência de convicção, prostituição e reificação querem traduzir o cotidiano massificado ou mortificado de uma profissão afeita à produção cultural. O jornalismo paga uma dívida constante, desse modo, com o funcionamento da racionalidade dominante no sistema, ao abrir mão de suas convicções e inclinações pessoais, e também da infinita diversidade do real que descreve, repassando ao leitor uma visão padronizada ou uniformizada de sociedade e do mundo. É evidente que aqui também se afirma, em certo sentido, a imagem de que essa situação contraria a idéia da formação cultural, como se o relógio da história andasse de forma invertida. Se a formação cultural eleva o espírito humano para transcender as suas limitações, a reificação seria o movimento que o diminui, absorvendo-lhe a moeda de troca da mercadoria, que acaba degradando as suas qualidades. A coisificação se impõe de fora para dentro e molda o indivíduo, inclusive as suas faculdades psíquicas e espirituais, limitando a sua compreensão do existente.^[2] Lukács

chega a essas conclusões influenciado pela obra de Marx e amparado nas análises da burocracia e da racionalização de Weber e Simmel.

Comentando essa mesma passagem do livro de Lukács, Adorno vai dizer no aforisma 147, do *Mínima moralia*, que a reificação opera como perda progressiva da diferenciação. Para ele, a formação adquire um sentido mais amplo do que o puro giro do espírito sobre si mesmo, conforme previa o sistema hegeliano. Ela está cristalizada numa formação social determinada que, para sua autoconservação, acaba se impondo sobre a vida, danificando-a. Por isso, “a autoconservação anula a vida na subjetividade”, sendo possível entender aqui os esforços de “adaptação” e “conformismo” da psicologia social e da antropologia cultural como “epifenômenos” (ADORNO, 1993, p. 201). Mesmo o que se distingue da técnica, e a própria diferenciação psicológica surgida com a especialização do trabalho, não conseguem fugir dessa lógica, mas passam a “lubrificar” e alimentar o modo de produção. E é nesse quadro que ele vai entender a crítica de Lukács aos jornalistas, concluindo esse raciocínio dizendo que “a conservação de si perde seu si” (Ibid. p. 202). Em outras palavras, perder “seu si” significa que o caminho do conhecimento e da racionalidade que, em princípio, poderia captar a realidade de maneira plural, rica de significados, acaba se perdendo em prol de uma visão voltada para “o mercado da moda” (CHAUI, 2006). Com a imposição da realidade social objetiva, a formação social acaba “formando” ou moldando a subjetividade, tornando o plano da racionalidade não mais uma instância confiável. A saída para ele então vai estar na arte, pois ela não é simples conhecimento, identidade com a coisa, mas “*mimesis*” ou transfiguração do real. A *mimesis* representa o *locus* em que as energias emancipatórias de promessa de uma sociedade liberada se alojam, evidenciando que a motivação utópica não está suspensa, mesmo no predomínio da universalização dos valores de troca.

Em seu livro *Reificación*, Honneth defende uma posição um pouco diferente da de Adorno sobre essa mesma passagem de Lukács. Na sua aceção, Lukács estaria querendo minimamente dar um exemplo mais preciso de como está estruturada tal auto-reificação, isto é, como autocohecimento, visto na tentativa do jornalista de adaptar sua própria subjetividade, temperamento e habilidade de expressão aos interesses do suposto leitor em cada caso. Nesse sentido, ele interpreta a tese da reificação, de Lukács, dentro da perspectiva intersubjetiva, a qual este autor teria deixado de lado logo de saída em sua obra. As relações fraternas, intersubjetivas ou autênticas, isto é, o terreno da *práxis*, foi deixada de lado pelo teórico

marxista em prol das relações imediatas, que estão acontecendo na reificação cotidiana. É esse projeto, abandonado por Lukács, que serve de mote para Honneth retomar a perspectiva da reificação como ponto de partida interpretativo. Juntamente com o tratamento dessa categoria marxista, Honneth leva adiante também a idéia de reconhecimento do outro, presente embrionariamente na dialética do senhor e do escravo, de Hegel. Busca ainda evidências em diversos autores (além de Lukács, também Dewey, Heidegger e Adorno) e mesmo na prática existencial, para mostrar que existem saídas para o comportamento alienado, pois reificação seria, na sua interpretação, nada mais do que o “esquecimento do reconhecimento” (2005, p. 126). É o reconhecimento prévio, subjacente ao plano do conhecimento, que determina a implicação mútua. E, como procura deixar claro a partir de Heidegger, ela pode estar muito mais ao “alcance da mão” do que “diante dos olhos” (Ibid. p. 45-46). Essa outra perspectiva contraria o espírito de vazio e pessimismo deixados no rastro do tratamento dessa categoria por diversos autores.

“Nesse sentido,” como Honneth mesmo afirma,

no plano elementar, o conceito de ‘reconhecimento’ compartilhado – não só com o ‘compromisso prático’ de Dewey, mas sim também com o ‘cuidado’ de Heidegger e com a ‘implicação’ de Lukács – a mesma idéia fundamental da precedência de um interesse existencial pelo mundo, que se nutre da experiência de caráter valioso deste. Portanto, uma postura de reconhecimento é expressão da valoração do significado qualitativo que possuem outras pessoas ou coisas para a realização de nossa existência (Ibid., p. 55-56).

Ao transportar tal idéia para o plano da relação do indivíduo consigo mesmo, Honneth vai perceber que essa atitude “não pode ser apenas a do conhecer, tampouco a relação consigo mesmo não pode se ater a estados mentais” (Ibid., p. 115). Na dimensão da auto-reificação, conforme exposto no caso do jornalismo, teríamos um típico exemplo de esquecimento de si mesmo ou de desatenção consigo próprio. Reificação seria também uma atitude detetivesca ou construtivista consigo mesmo, na qual se substitui a atitude do reconhecimento por um conhecer objetivador.

A crítica de Honneth a Lukács é que a categoria da reificação ainda ficou restrita à dimensão econômica, presa, portanto, ao funcionamen-

to das 'leis de mercado'. Não foi percebida por ele, "uma série de intentos de explicação do racismo ou da representação pornográfica das mulheres em conformidade com um padrão de este desenho" (2007, p. 141). O formato de tal desenho, conforme assinalado há pouco, estaria situado no nível não epistêmico, não no plano do conhecimento, mas do reconhecimento, portanto, no nível ontológico.

Se para Lukács o nível mais elevado de reificação se encontra no jornalismo, Jameson vai dizer, no artigo *Reificação e utopia na cultura de massas*, concordando com Debord, que a imagem se tornou a forma última da mercadoria. Ele promove aí uma análise das manifestações culturais reificadas da sociedade capitalista em sua etapa multinacional. Os indivíduos se relacionam nesse contexto primeiro com o universo das imagens, o qual, para ele, é o universo do cultural, para só depois tomar contato propriamente com o produto. Esse relacionamento com a imagem é que prende o sujeito à teia do consumo, tornando-o incapaz de transcender esse nível de objetividade. Embora não tenha desenvolvido sua investigação no rastro de Lukács, Jameson compartilha no entanto com as análises marxistas, inclusive com as de Adorno. Ele vai dizer que "a reificação ou a materialização constituem um traço estrutural chave tanto do modernismo como da cultura de massa" (1995, p. 17). Afinal, o modernismo passa por essa mesma situação na medida em que, segundo sua leitura de Adorno, a reificação adentrou a estrutura da obra de arte, enquanto a cultura de massas já está, pela sua própria dependência absoluta do mercado, completamente administrada. Decifrar esse traço passa por uma tentativa de ler a materialização que está oculta ou adormecida nos produtos da cultura. Jameson conclui pela necessidade de não separar alta e baixa cultura: "Tal aproximação exige que se leia a alta cultura e a cultura de massa interdependentes, como formas gêmeas e inseparáveis da fissão da produção estética sob o capitalismo" (1995, p. 14). Tentando exemplificar esta tese, ele analisa, nesse mesmo artigo, os filmes *Tubarão*, de Steven Spielberg (1975), e as duas partes de *O Poderoso Chefão*, de Francis Ford Coppola (1972 e 1974). Procura mostrar aí que mesmo a cultura de massa consegue a suspensão das noções de tempo e espaço, produzindo assim a sensação de utopia, algo que se julgava privilégio apenas da grande obra de arte.

Concluo, a partir destas breves considerações, que a reificação não só acaba com as idéias de diferenciação ou de identidade própria (Adorno), de atenção com respeito a si mesmo, de implicação ou reconhecimento do outro e do mundo circundante (Honneth), mas ela também é uma fonte

privilegiada de leitura do cultural (Jameson). Nela encontramos boas pistas para auxiliar de certo modo a leitura da alta e da baixa cultura, como formas interligadas pela reificação. A transformação da própria mercadoria em imagem, no momento que o dado espiritual se adapta aos impulsos econômicos, paradoxalmente coloca novamente em contato as duas pontas da dialética, antes rompida com a crítica de Marx a Hegel. Com isso, se fecha provisoriamente o círculo hermenêutico da compreensão, permitindo perceber que o giro da reificação não é incompatível com a leitura da formação hermenêutica, mas talvez o seu avesso. No próximo item, pretendo averiguar até de que ponto a reificação se aproxima das exigências de uma investigação hermenêutica, dado que esta última deu mais atenção historicamente ao modo de pensar da formação cultural, enquanto *Paidéia* ou *Bildung*.

Hermenêutica e reificação do cultural

Algumas obras classificam a filosofia de Marx como uma hermenêutica do social. Esse é o caso do livro *De l'Interpretation*, em que Paul Ricoeur situa Marx ao lado de Nietzsche e Freud como mestres da suspeita e da desmitificação. Segundo o testemunho de Palmer: “Cada um dos três interpreta como falsa a superfície da realidade e avança com um sistema de pensamento que destrói essa realidade. (...) Cada um defende uma transformação de pontos de vista, um sistema interpretativo do conteúdo manifesto dos nossos mundos – uma nova hermenêutica” (1996, p. 53). Não irei entretanto operar em tal campo de análise neste momento, buscando aproximar as correntes teóricas do marxismo e da hermenêutica. Antes tratarei de evidenciar, ou procurar nexos mais específicos entre o diagnóstico proposto pela categoria da reificação e a perspectiva da abordagem hermenêutica, no intuito de encontrar pontos de contato entre ambas.

Para Gadamer, toda interpretação hermenêutica deve iniciar com a explicitação da expectativa de sentido: “A antecipação de sentido, que envolve o todo, se faz compreensão explícita quando as partes que se definem desde o todo acabam também definindo esse mesmo todo” (1994, p. 63). Essa expectativa de proximidade entre reificação e formação hermenêutica, por exemplo, é um traço importante para compreender os processos de interpretação, mas ela deve ser posta em xeque pelo próprio movimento compreensivo, seguindo cinco passos básicos. No livro *Verdade e método II*, mais precisamente no item *Sobre o círculo da compreensão*, é que Gadamer fragmentou a dialética do espírito na imanência. Depois de desprender da

idéia do absoluto hegeliano,^[3] ele situa a interpretação na dependência do intérprete, na sua capacidade de fazer a costura entre cada um dos seus elementos constitutivos. A retomada dessas subdivisões de maneira sintética aqui visa servir aos propósitos desta reflexão, procurando relacionar esses mesmos passos com o que foi realizado até o presente.

Em linhas gerais, a hermenêutica procura, então, (1) *fazer a relação da parte com o todo de maneira interdependente*, o que implica colocar o texto dentro do contexto e vice-versa. Nesse ponto, a teoria da reificação, como possibilidade de leitura dos processos de estetização, já demonstra a sua produtividade porque ela permite não apenas uma leitura instrucional das imagens. Embora possamos discordar de seu exame crítico do real, não se pode negar que ela atende à expectativa ontológica de tomada de posição frente ao mundo, isto é, ela possibilita uma visão de conjunto ou de totalidade. Nesse sentido posso responder afirmativamente à questão colocada no início deste artigo, pois existe a possibilidade de reversão desse estado de coisas para além do auxílio dos mecanismos didáticos de leitura da cultura visual. Caso contrário, ficaríamos aprisionados no nível do conhecimento empírico, exposto à obrigatoriedade de decifrar signo por signo, imagem por imagem, numa busca frenética de explicação dos processos de estetização de maneira singularizada, sem referenciais mais amplos de análise.

A seguir, a hermenêutica propõe em sua abordagem (2) *encontrar um ponto médio*, ou seja, buscar um ponto desencadeador da interpretação. No caso dessa análise, creio que esse item ficou explícito no momento em que Luckács critica a linguagem utilizada no jornalismo. O ponto médio pode ser percebido aí no sentido de que o caminho do conhecimento ou da racionalidade cognitivo-instrumental está fechado e de que é necessário buscar novas saídas, conforme demonstram as análises de autores como Adorno, Honneth e Jameson. O próximo elemento proposto pela hermenêutica requer a (3) *revisão dos preconceitos*. E isso quer dizer: avaliar as opiniões prévias já consolidadas sobre o assunto, a fim de torná-las explícitas, para não desvirtuar o processo interpretativo. É preciso esclarecer que a hermenêutica de Gadamer admite que o preconceito é uma instância pré-reflexiva anterior ao plano racional, e que ele também determina em geral a nossa pré-compreensão das coisas. O que podemos fazer nesse caso é distinguir os preconceitos legítimos dos ilegítimos, colocando-os à prova. O elemento reificado se aproxima dos preconceitos ilegítimos, na medida em que se restringe ou se limita àquilo que perdeu o vínculo com o fluxo

da vida. Como bem demonstrou Honneth, essa poderia ser uma atitude observadora, neutra ou desapaixonada frente ao real.

O passo seguinte da interpretação hermenêutica visa (4) a *buscar o “acordo na coisa”*. Essa atitude significa confrontar a visão do que se tem a partir dos preconceitos com o que está posto no objeto interpretado. Esse ponto pode ser relacionado ao próprio diagnóstico da reificação, cuidando até que ponto, conforme será exposto no exemplo mais adiante, o intérprete se guia pela ótica do consumo na análise de um produto da publicidade. Por último, a hermenêutica procura expressar a idéia da necessidade de (5) *deixar que o texto diga algo*, o que implica abdicar do que é sabido, para se colocar na posição de escuta ou de reconhecimento do sentido comunicado no saber do outro. A confirmação ou não da expectativa inicial de sentido se faz presente nessa ocasião, em que tudo deve confluir para compreender a “fala” do objeto analisado. É claro que isso vai depender da apropriação dos pressupostos de base da abordagem utilizada, dos instrumentos ou técnicas disponíveis e da competência do intérprete na sua utilização.

Concluindo, é possível dizer que a interpretação hermenêutica não é conflitante com a leitura proposta pela categoria da reificação. De outra maneira, esse conceito pode servir, inclusive, de chave de leitura ou porta de entrada importante para a hermenêutica definir melhor o seu próprio campo de atuação. Afinal, como abordagem metodológica corretiva dos rumos da racionalidade moderna, a hermenêutica guarda, em princípio, forte semelhança com a preocupação expressa nessa categoria, enquanto postura crítica do modo de produção dominante na modernidade. Poder-se-ia dizer que essa relação entre uma e outra tangencia a necessária simbiose entre conteúdo e forma, tal é o grau de afinidade entre ambas as propostas.

Reificação como estratégia de leitura de imagens

Dado que a reificação atende as exigências estruturais da hermenêutica, é possível agora investigar o modo como o diagnóstico por ela proposto pode auxiliar na leitura dos processos de estetização. A questão exposta no início do texto serve de guia neste ponto, na medida em que indagava como é possível fazer a transição do conhecimento elaborado para o cotidiano, se tal ambiente já se encontra dominado de meias informações sobre todos os tipos de assunto. Sendo que o caminho para o conhecimento está fechado pela reificação, como procurei deixar claro na análise do caso

do jornalismo, trazido à tona por Lukács, melhor perseguir então as saídas propostas pelos diversos autores que pensam essa questão posteriormente. Para eles, não é mais possível buscar a utopia ou reconciliação no âmbito do puro conhecimento, restando uma investigação no campo da práxis (Honneth), da arte (Adorno) ou do consumo cultural (Jameson). Em todos há uma clara tentativa de fugir do puro âmbito de tratamento da racionalidade cognitivista, pois a coisificação, na etapa de universalização dos valores de troca da mercadoria, transformou os padrões sociais para os de uma sociedade de consumidores. Assim sendo, se o conhecimento está reificado na contraposição entre sujeito e objeto, é preciso então buscar elementos para a decodificação do cultural em nível mais profundo. Se o melhor caminho para avaliar os processos de estetização não é este, também não o será adotando-se uma leitura meramente neutra, de indiferença ou, ao contrário, de simples crítica, pois tais iniciativas ainda estão vinculadas ao campo epistêmico. O presente estado do campo “cultural” pode representar uma ameaça à “formação autêntica,” se ele for lido exclusivamente com os óculos do conhecimento ou do posicionamento crítico, por um lado. Para o indivíduo viver num mundo estetizado ou espetacularizado, ou seja, reificado, ele não precisa, por outro lado, permanecer sob a tutela desses processos, ou cultivar relações neutras, desapaixonadas ou desinteressadas para nele conseguir sobreviver. De maneira bem diferente, como procurei deixar claro até o momento, a redenção desse processo pode se encontrar no nível da implicação mútua, na atitude de reconhecimento que serve de base a todo conhecimento. Tornou-se possível aqui então encontrar uma via de resposta à questão central deste artigo, isto é, se os processos de estetização do mundo da vida representam uma ameaça ou possibilidade de redenção do processo formativo.

Para melhor ilustrar essa outra situação, vou tomar um caso não exatamente do campo do jornalismo, mas do âmbito da publicidade, em que proponho esboçar a leitura, do ponto de vista da reificação, de alguns elementos de uma peça publicitária^[4], isto é, de um produto cultural facilmente encontrado nos processos de estetização atualmente. Cabe perguntar inicialmente: como se manifesta a reificação nesta imagem? Uma hermenêutica da reificação se preocupa em encontrar um ponto médio de onde pode se desencadear a interpretação. Cabe advertir que não basta a leitura de imagens simplesmente, mas é necessária uma tomada de posição mais abrangente, isto é, cultivar uma preocupação mais ampla com os destinos do mundo, relacionando a parte com o todo.



Disponível em <http://blog.estadao.com.br/blog/media/cerveja.jpg>
Encontrada em 22/09/2008.

Nessa propaganda chama a atenção o posicionamento da mão segurando o objeto de consumo, neste caso, a cerveja. Conforme se pode observar, está em destaque um desvio de atenção para o objeto, há uma exclusão da atenção do ‘elemento vivo’ para direcioná-la para um ‘produto morto’, lembrando um comportamento típico do contexto mercadológico. Há uma clara inversão de perspectiva, pois no ímpeto do consumo, de “administração” do mecanismo psíquico ilusório, o indivíduo acaba tomando a coisa como se ela tivesse vida.

Em conseqüência de tal análise, torna-se possível questionar o papel da ‘mulher’ e do próprio ‘corpo’ exposto na peça publicitária: até que ponto esse é o modelo de mulher disseminado na sociedade atual? Retomo aqui a idéia defendida por Honneth, de que é preciso se colocar frente à reificação, caso quisermos pleitear a sua reversão, não de acordo com a atitude de conhecimento, mas de reconhecimento. Nesse sentido, pergunto: que tipos de valores são disseminados a esse respeito no plano da publicidade? Que espécie de reconhecimento é esquecida nessa imagem? E ainda, é possível olhar esse objeto fora da dimensão do consumo? Ora, como foi dito anteriormente, não é possível encontrar saídas no que está ‘diante dos olhos’, pois esses já estão manipulados pela sociedade do consumo. Se a saída, como apontava Honneth, pode acontecer no plano da

práxis, da interação, compete concentrar a atenção no que está ao alcance da mão, manifesto claramente na imagem. Afinal, a reificação transformou o campo epistêmico num beco sem saída. Portanto, essa interpretação possibilita não apenas a leitura do aspecto didático das imagens, embora isso seja importante, mas permite também uma tomada de posição frente aos processos de estetização do cotidiano como um todo.

Notas conclusivas

Neste texto busco extrair alguns elementos reflexivos na categoria marxista da reificação, avaliada no sentido hermenêutico, para viabilizar uma leitura dos processos de estetização do mundo da vida. A crítica de Lukács aos jornalistas chama a atenção tanto de Adorno quanto de Honneth, porque exemplifica o ponto atingido pela materialidade na sociedade contemporânea: ela tomou conta até das faculdades subjetivas do indivíduo. Com isso, o sujeito alienado passa a apreender o conhecimento de maneira neutra e objetivada (Honneth), com prejuízo da diferenciação (Adorno), ou tomando a imagem pelo objeto (Jameson). Logo, se o caminho do conhecimento está vedado, a busca de novas perspectivas pode se dar no plano ontológico, isto é, na atitude de reconhecimento (no caso de Honneth), no plano da arte e da estética (em Adorno) ou no universo de leitura do consumo cultural (para Jameson).

A incumbência agora é averiguar, por intermédio da racionalidade discursiva, se existe possibilidade de redenção da idéia de formatividade no contexto de estetização vivido. Penso que a saída não está situada na preocupação exclusiva com a idéia de formação ou de reificação. Jameson auxilia a entender a necessidade de mudança dessa mentalidade, porque não se trata de ficar na contraposição entre um formato e outro de expressão do campo cultural, pois eles são modelos inseparáveis de comunicação. Afinal, estas culturas estão presas pelo mesmo traço da materialização que penetrou ambas as formas de expressão em profundidade. Nesse sentido, por um lado, uma teoria do cultural (*Bildung*) volta à cena novamente, mas não para ficar aprisionada à interpretação dos grandes clássicos humanistas exclusivamente. Por outro lado, a idéia da coisificação, retomada na perspectiva hermenêutica, oferece ainda uma vantagem, desde que essa categoria não seja tencionada fora dos seus limites, isto é, como via única de acesso ao real.^[5]

Em consequência, embora admitindo os progressos da hermenêutica gadameriana, frente aos processos de estetização do mundo da vida atualmente não basta a defesa intransigente de uma postura elitista, conceitual, em prol de uma formação autêntica. Menos ainda a virada populista da imagem, no sentido de contemplar somente os preceitos de industrialização da cultura, enquanto cultura popular, das celebridades ou de massa, com a justificativa de que esse fenômeno está disseminado em nosso cotidiano. Ambas são posições que ainda permanecem no campo meramente epistêmico, isto é, na idéia de classificação, separação ou contradição entre sujeito e objeto, alta e baixa cultura, conhecimento crítico ou alienado, formação ou coisificação. No contexto do pensamento pós-metafísico, não há mais garantias absolutas em termos do que realmente representa avanço ou retrocesso da humanidade, na medida em que essa visão ainda ficaria aprisionada a uma concepção linear de filosofia da história.

Se não temos garantias objetivas, podemos também diluir estas ambigüidades dizendo que a reificação e a formação são dois lados da mesma moeda, ou melhor, elas estão particularmente imbricadas. Uma atitude pura, portanto, estaria fora de propósito, pois não ocorre desenvolvimento de potencialidades humanas sem alguma dose de alienação ou de objetivação do espírito, como tentei deixar claro a partir de Hegel. Assim também nenhum processo de reificação é absoluto, a ponto de cancelar a possibilidade de redenção ou de utopia de uma sociedade liberada, conforme expõe Adorno a partir da arte, e como bem demonstra a reflexão de Jameson através das análises de produções da cultura de massa. Cruzando essa preocupação com o que foi assinalado na epígrafe do texto, talvez esse caminho auxilie a evitar o equívoco apontado por Hannah Arendt, a saber, que a recusa em assumir uma posição ética pelos destinos do mundo comum seja indício de influência da própria reificação.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

BOTTOMORE, Tom. (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1988.

CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Belarmino Cesar G. **Estética da violência**: jornalismo e produção de sentidos. Campinas, SP: Autores Associados; Piracicaba, SP: Ed. UNIMEP, 2002.

EVANGELISTA, João Emanuel. **Elementos para uma crítica da cultura pós-moderna**. In.: *Novos Rumos*. Ano 16, nº 34, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método I**: Fundamentos de una hermenéutica filosófica. 6ª ed. Salamanca: Ed. Sígueme, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método II**. 2ª ed. Salamanca: Ed. Sígueme, 1992.

HONNETH, Axel. **Reificación**: un estudio en la teoría del reconocimiento. 1ª ed. – Buenos Aires: Kaatz, 2007.

JAMESON, Frederic. Reificação e utopia na cultura de imagens. In.: **As marcas do visível**. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 9-35.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**. Estudos sobre a dialética marxista. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 1993.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Trad. de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Eds. 70, 1969.

RICOEUR, P. **Le conflit des interprétations**. Essais d'herméneutique. Paris : Seuil, 1969.

WELSCH, Wolfgang. Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte? In.: ROSENFIEL, Denis. (org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WELSCH, Wolfgang. **Estetização e estetização profunda ou**: a respeito da atualidade do estético. Trad. Álvaro Valls. *Porto Arte, Porto Alegre*, v. 6, n. 9, p. 7-22, maio de 1995.

Notas

[1] Texto apresentado no XIII Encontro Nacional de Filosofia, promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), realizado de 6 a 10 de outubro de 2008 em Canela/RS.

[2] No caso do jornalismo, a necessidade de contemplar o “elemento morto” não se restringe obviamente às páginas do obituário, ela se dirige para o conjunto da obra, em nome do que está sendo denominado atualmente de “estética da barbárie”. Segundo Costa, “A estética da barbárie, exteriorizada nas manchetes e nos títulos bombásticos, na exclusão de temas socialmente necessários, na exploração do grotesco e do incomum, próprios da cobertura jornalística, difunde-se imperceptivelmente nas técnicas de produção da notícia, em sua conformação aos meios de comunicação e suas linguagens (2002, p. 6). Desse modo, ela opera na espetacularização do cotidiano com notícias seletivamente recortadas, dando ênfase a assaltos, mortes, seqüestros e, ao estimular o grotesco, promove o embrutecimento e a regressão do espírito, não a sua emancipação.

[3] Cf. o texto, “Porém, reconhecer que a formação é como um elemento do espírito não obriga a vincular-se à filosofia hegeliana do espírito absoluto, do mesmo modo que a percepção da historicidade da consciência não se vincula tampouco à sua própria filosofia da história do mundo” (GADAMER, 1996, p. 44).

[4] A propaganda da cerveja schincariol foi encontrada no site <http://blog.estadao.com.br/blog/media/cerveja.jpg>. No entanto, não é apresentada nenhuma informação adicional sobre seu “conteúdo”, época da campanha publicitária ou mesmo do local de sua divulgação.

[5] O equívoco dessa idéia foi originado provavelmente a partir do tratamento do assunto pelo próprio Lukács, em seu artigo *O fenômeno da reificação*, do livro *História e consciência de classe*. Do ponto de vista hermenêutico, seria mais aconselhável talvez falar em idéia, conceito ou categoria da reificação, uma vez que o termo “fenômeno” traz um peso cientificista muito grande, dando a impressão de que isso já está posto na realidade e não de que haja aí uma interpretação de algo designado por este conceito.